



Fala do presidente dos EUA faz Casa Branca agir para evitar mal-entendido e explica que declaração, dada na Polônia, não incita “queda do regime” russo. Lviv, principal escala dos refugiados ucranianos antes de deixar o país, foi bombardeada

“Putin não pode ficar no poder”, diz Biden

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, disse ontem que o presidente da Rússia, Vladimir Putin, “não pode permanecer no poder”, e classificou a invasão à Ucrânia como “um fracasso estratégico” de Moscou. Logo após essa declaração, um funcionário da Casa Branca foi rápido em esclarecer que Biden não estava incitando uma “mudança de regime” na Rússia, mas queria dizer que Putin deveria ser impedido de exercer qualquer poder “sobre seus vizinhos ou na região”.

O pronunciamento de Biden provocou reação imediata do Kremlin. O porta-voz do governo Putin, Dmitry Peskov, disse que não é o mandatário norte-americano que define quem deve ou não estar no poder na Rússia. “Isso não cabe a Biden decidir. O presidente da Rússia é eleito pelos russos”, disse Peskov a agências de notícias.

Em seu discurso em Varsóvia, Biden destacou que não considera os cidadãos russos “inimigos”, e afirmou que Putin é o único culpado pelas fortes sanções econômicas impostas pelo Ocidente contra a Rússia pela invasão à Ucrânia.

“Essa guerra não é digna de vocês, povo russo. Putin pode e deve pôr fim a essa guerra”, enfatizou Biden. Mas o conflito, segundo ele, não mostra sinais de que irá terminar tão cedo: a batalha “entre democracia e autocracia não será vencida em dias ou meses. Devemos nos armar para um longo combate”.

Biden reiterou que os Estados Unidos não querem entrar em conflito com as tropas russas na Ucrânia, mas alertou Moscou para não tentar avançar “nem uma polegada” em territórios dos países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), lembrando a “obrigação sagrada” de defesa coletiva entre os membros da aliança transatlântica.

O presidente dos EUA ecoou as palavras do falecido Papa João Paulo II em uma mensagem de encorajamento ao povo ucraniano: “Não tenham medo. Teremos um futuro diferente, um futuro mais brilhante, arraigado na democracia e nos princípios, na esperança e na luz”.

Ronaldo Schermidt/AFP



Labaredas lançam colunas de fumaça sobre Lviv, após raro ataque russo à principal porta de saída de refugiados ucranianos

disse Biden, assegurando aos ucranianos: “Estamos com vocês”.

Enquanto Biden mandava seus recados na Polônia, a cidade ucraniana de Lviv, principal porta de saída dos refugiados em direção à Europa Ocidental e relativamente pouco afetada pela guerra até o momento, foi alvo, ontem, de dois ataques de mísseis que atingiram um depósito de combustíveis e deixaram cinco mortos, informou o governador regional. A cidade fica a menos de 100km da fronteira polonesa.

Primeira reunião

Na capital polonesa, Biden teve seu primeiro encontro com membros do governo de Kiev desde o início da invasão russa à Ucrânia, em 24 de fevereiro. Na conversa com o ministro ucraniano das Relações Exteriores, Dmytro Kuleba, e o da Defesa, Oleksiy Reznikov,

tratou-se do “compromisso inabalável (dos Estados Unidos) com a soberania e com a integridade territorial da Ucrânia”, disse o porta-voz do Departamento de Estado do americano, Ned Price.

Depois disso, Biden se reuniu com o presidente polonês, Andrzej Duda, a quem reiterou o “compromisso sagrado” dos Estados Unidos com o pacto de defesa coletiva da Otan, em uma mensagem dirigida aos países da fronteira com a Ucrânia preocupados com a ofensiva russa.

O presidente russo, Vladimir Putin, ordenou a invasão com o objetivo de destruir as capacidades militares da ex-república soviética e derrubar o governo pró-ocidental de Volodymyr Zelensky. Um mês depois, porém, as tropas russas parecem longe dos avanços esperados: não conseguiram capturar quase nenhuma cidade importante, e os ataques a

civis são cada vez mais letais.

Na sexta-feira, um funcionário russo de alta patente anunciou, inesperadamente, que a ofensiva se concentrará na “libertação” do Donbass, no leste do país, região já parcialmente dominada por grupos separatistas pró-Moscou.

O chefe do Estado-Maior adjunto das Forças Armadas, Serguei Rudskoy, afirmou que essa nova orientação se deve ao fato de “os principais objetivos da primeira fase da operação terem sido alcançados” e “as capacidades de combate das forças ucranianas terem sido reduzidas de maneira significativa”.

Biden disse, no entanto, que não está convencido de que o anúncio de uma mudança de estratégia russa corresponda à realidade. Questionado em Varsóvia por um jornalista sobre as implicações dessa mudança, Biden respondeu: “Não tenho certeza de que tenham mudado”.



Não tenham medo. Teremos um futuro diferente, um futuro mais brilhante, arraigado na democracia e nos princípios, na esperança e na luz”

Joe Biden,
presidente dos EUA

Música no subterrâneo de Kharkiv

Mesmo quando as armas falam, “a música não para”: em Kharkiv, bombardeada diariamente pelo Exército russo, um grupo de músicos ucranianos ofereceu um concerto de música clássica a um público reduzido, mas emocionado, conseguindo parar o tempo por alguns minutos em meio à guerra.

Três violinistas, um violoncelista e um contrabaixista tocaram para algumas dezenas de pessoas durante meia hora, em uma das principais estações de metrô da segunda maior cidade da Ucrânia, perto da fronteira com a Rússia. No subsolo, protegidos de foguetes e mísseis de longo alcance, os jovens

músicos, com idades entre 20 e 35 anos, executaram sucessivamente o *Hino Nacional*, um trecho da *Suite nº 3*, de Johann Sebastian Bach, *Humoresques*, de Antonin Dvorak, e várias melodias do folclore ucraniano.

Os músicos também interpretaram uma melodia do compositor Myroslav Skoryk frequentemente usada pelo presidente Volodymyr Zelensky em seus vídeos e publicações nas redes sociais.

O concerto se deu na escadaria de mármore de uma estação com ares de catedral, sob o olhar encantado de muitos abrigados. Dezenas de famílias vivem no local desde o início da invasão russa, em 24 de fevereiro, fugindo da

guerra na superfície e dormindo em vagões de trem ociosos.

“Quando nossos corações estão cheios, isso nos ajuda a superar os momentos difíceis”, disse Sergui Politutchy, diretor do Kharkiv Music Fest — um dos festivais de música mais prestigiados da Ucrânia —, promotor da iniciativa, realizada no mesmo dia em que o festival deveria ter começado, se não fosse a guerra.

“Tocar nossos instrumentos é o que sabemos fazer de melhor, faremos isso em qualquer circunstância”, continuou Tatiana, antes de acrescentar, com um grande sorriso: “Talvez tenha sido o melhor show da minha vida”.

AFP



Jovens concertistas tocam para pessoas escondidas no metrô

Alemanha veta letra “Z”

Duas importantes regiões alemãs, Baviera e Baixa Saxônia, prometem processar qualquer pessoa que use em público a letra “Z”, considerada um símbolo de apoio à guerra da Rússia contra a Ucrânia. As pessoas que “expressam publicamente sua aprovação à guerra de agressão do presidente russo, Putin, contra a Ucrânia usando esse símbolo ‘Z’ enfrentarão consequências criminais”, disse o ministro do Interior da Baixa Saxônia, Boris Pistorius, em um comunicado.

Os partidários do Kremlin que usam um “Z” em público “devem saber que podem ser processados por tolerarem crimes”, reforçou o ministro da Justiça da Baviera, Georg Eisenreich.

Durante a guerra na Ucrânia, um “Z” em branco apareceu nos tanques e uniformes das forças russas. Desde então, o símbolo foi visto em espaços públicos, na Rússia e fora do país, “em edifícios, carros e roupas”, explica o ministério da Baixa Saxônia.

“Todos podem expressar sua opinião na Alemanha”, mas “a liberdade de expressão termina onde começa o direito penal”, observou o ministro bávaro. O Código Penal alemão pune com até três anos de prisão e uma multa quem aprova publicamente guerras agressivas, que possam perturbar a ordem pública.

Refugiados

O Canadá e a União Europeia (UE) anunciaram, ontem, o lançamento de uma campanha internacional de arrecadação de fundos para ajudar refugiados ucranianos, que culminará em 9 de abril com uma “conferência de doadores” organizada em conjunto por Bruxelas e Ottawa.

“A campanha Stand Up For Ukraine busca mobilizar governos, instituições, artistas, empresas e indivíduos para designar fundos para apoiar os esforços humanitários na Ucrânia e países vizinhos”, disse o gabinete do primeiro-ministro canadense, Justin Trudeau, em um comunicado de imprensa assinado em conjunto com a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen.

Quase 3,8 milhões de pessoas fugiram da Ucrânia, principalmente para a Polônia, desde a invasão do Exército russo em 24 de fevereiro, segundo as Nações Unidas, que estima que o número de deslocados dentro da Ucrânia seja de quase 6,5 milhões de pessoas.

No total, cerca de 10 milhões de ucranianos, mais de um quarto da população, tiveram que deixar suas casas para fugir das bombas russas.